



Núcleo de Apoio a **ESTUDANTES INTERNACIONAIS**

MANIFESTO

O Núcleo de Estudantes Internacionais (NAEI) é um núcleo de apoio e acolhimento, mas também de luta. Quando uma Universidade propõe-se a abrir vagas para estudantes internacionais é necessário que considerem os desafios e questões relacionadas a esse estatuto. Não é certo que nos deixem sem apoio ao chegarmos e durante todo o percurso académico. Assim surge o núcleo, tentamos ocupar o lugar tão grande de desamparo que é deixado pela Universidade. O encontro de culturas, diferenças e experiências é algo a ser celebrado, partilhado, apenas enriquece e nunca deveria ser um empecilho. No entanto, na prática nunca sentimos dessa maneira.

Ao pensarmos na experiência de um aluno internacional no meio académico surgem diversas problemáticas. Por exemplo: numa grande parte dos países de origem dos alunos internacionais o ensino de inglês não é tão desenvolvido como em Portugal. No entanto, sabemos que nas aulas, apesar de serem realizadas em português, são fornecidos materiais como textos de referência, livros, artigos que em sua grande maioria são em inglês. Reconhecemos a importância desta língua para a inserção no meio académico atualmente, mas é injusto que não haja oportunidades de apoio no aprendizado da mesma, considerando a quantidade de alunos que não tiveram a oportunidade de aprendê-la. A realidade é, se você não sabe falar inglês a sua vida na Universidade será muito prejudicada, pois, muitas vezes, não é fornecido apoio, nem alternativas viáveis.

Ao adentrar no curso com estatuto de estudante internacional paga-se quase 7 vezes mais do que os demais alunos. Isso são cerca de 420 euros a mais por mês do que a propina paga por alunos nacionais. No primeiro mês de cada ano letivo, a propina tem o valor de 1500 euros para os alunos internacionais, quando a dos nacionais passa a 88 euros, com um acréscimo de apenas 1 euro. Entendemos que é uma forma de priorizar estudantes do país, mas uma diferença dessa dimensão não faz sentido, contribui para uma elitização do ensino superior e incentiva uma política de entrada de imigrantes apenas com alto nível socioeconómico.

Como estudantes PALOP ressaltamos a problemática em relação à língua. A língua portuguesa é incrivelmente múltipla, cheia de variações e características únicas dependendo do lugar onde é falada. No entanto ela é apenas uma língua e deve ser reconhecida como tal. Variações existem e devem existir, todas as línguas são múltiplas e estão em constante processo de mudança. Chamar o português de Brasil de “brasileiro” é ofensivo. Entendemos que é um termo profundamente normalizado na cultura portuguesa, mas passa a imagem de que não falamos a mesma língua. A Universidade em suas normas não tem nenhuma cláusula que proíba discriminação ou diminuição de pontos por conta de variações no português. Isto deixa-nos à mercê do julgamento pessoal de cada professor, abrindo espaço para possíveis situações de preconceito e xenofobia. Não devemos ser punidos ou ter medo de nos expressar na língua que todos falamos por conta de preconceitos antiquados e arbitrários.

É de salientar também a dificuldade que muitos de nós têm em relação ao manejo de várias tecnologias disponibilizadas pela faculdade, como as plataformas fénix, moodle, ETC; devido à falta de familiaridade em relação a estas. Sabemos que são ferramentas indispensáveis ao ensino na nossa faculdade, e por isso mesmo acreditamos que devia haver um maior apoio às dificuldades que possam surgir em relação às mesmas.

A demora na entrega de vistos acompanhada pela chegada tardia de estudantes PALOP a Portugal bem como a falta de apoio da faculdade geram, por vezes, alguma desistência por parte destes alunos. Acrescentando a todos os processos citados acima, esses estudantes muitas vezes acabam por sentir-se confusos e sufocados por não se conseguirem integrar neste meio académico, o que faz com que tenham dificuldades para acompanhar a dinâmica das aulas e relacionar-se com os colegas. O núcleo tem como objetivo ajudar em todo este processo, porém espera-se que a faculdade preste mais atenção e disponibilize tempo para remediar este tipo de situação.

Observamos igualmente uma tendência de manter uma visão estereotipada em relação a alunos africanos como sendo ignorantes e não participativos. Esta perceção dificulta, muitas vezes, a integração dos mesmos em trabalhos de grupos, o que pode provocar uma recaída emocional brutal, que por sua vez pode ser outra causa da desistência por parte de estudantes PALOP. É nítida a separação entre alunos negros e caucasianos, para isso basta entrar em qualquer aula teórica e observar que os poucos alunos negros que têm estão quase todos juntos, existindo apenas algumas excessões. Similaridades aproximam-nos e diferenças afastam-nos, sabendo que estes alunos já

trazem uma bagagem de diferenças aos olhos da sociedade portuguesa, era de se esperar que no mínimo a faculdade criasse métodos para que o processo de integração dos mesmos fosse mais fácil. A verdade é que a faculdade pouco fala sobre a discriminação que alunos internacionais sofrem, e pouco faz para que estes alunos sintam-se mais acolhidos e bem vindos.

Posto isto, nós, NAEI estamos aqui para acolher todos aqueles que se identificarem e dar o apoio necessário. Lutamos por propinas mais igualitárias, normas pedagógicas que protejam de discriminações a respeito das variações linguísticas do português, mais representação nas demais organizações estudantis e mais apoio ao ensino de inglês. O que pedimos é simples, queremos ser ouvidos sem termos de gritar e ser vistos sem termos de nos expor. Uma vez que as vagas para alunos como nós estão abertas nessa faculdade e somos convidados a estudar nela, espera-se o mínimo que é lembrarem-se que nós existimos e que passamos por dificuldades e entraves que a faculdade deveria preocupar-se em mitigar.